

Universidade Estadual de Londrina
Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”

Catálogo da Exposição Itinerante

POVOS INDÍGENAS NO NORTE DO PARANÁ



Organizadores
Priscila Rosalen Pasetto de Almeida
Design
Jaqueline dos Santos
2011

Apresentação

A exposição “Povos Indígenas no Norte do Paraná” reflete sobre presença das diversas etnias que habitaram e ainda habitam a região norte do estado. Em especial, as populações próximas à Londrina, desde a chegada dos primeiros ancestrais caçadores-coletores no estado do Paraná, entre 8 e 10 mil anos atrás até seus remanescentes. Atualmente eles vivem em Terras Indígenas (T.I.) demarcadas pelo governo federal. Ao longo do tempo esses territórios foram diminuindo em decorrência da idéia de possuírem muita terra e não fazerem bom uso dela. Sendo assim, foram desapropriadas para utilização da sociedade nacional e para atender ao interesse de madeireiras e outros grupos que visavam explorar os recursos naturais de suas terras. Além de serem obrigados a viver em espaços menores, etnias muitas vezes que no passado figuravam como inimigas (ex: Guarani e Kaingang ¹) acabaram sendo aldeadas em um mesmo espaço.

Cosmologia, Cosmogonia e Presença

Os painéis permitem observar algumas características das culturas Guarani e Kaingang e a localização das Terras Indígenas mais próximas a Londrina: Apucarantina e São Jerônimo. A sala apresenta aspectos da cosmologia Guarani, como pode ser observado nos painéis que tratam das constelações, em especial a Ema, que pode ser observada por volta de meia noite no outono.

A constelação da Ema está situada entre duas constelações conhecidas pela cultura ocidental: Escorpião e Cruzeiro do Sul, sendo este um elemento importante nas lendas Guarani, por acreditarem que a constelação segura a cabeça do animal, e caso ela se solte, poderá beber toda a água do mundo.

Temos a vista panorâmica da Terra Indígena São Jerônimo, localizada no município de São Jerônimo da Serra, onde habitam Guarani, Kaingang e Xetá. Logo abaixo temos algumas cestarias e animais como a Ema, representada na constelação no teto e a cobra Cascavel, cuja pele é representada na maioria das artes de trançado Guarani (ex: balaio maior). Temos também a vista da Terra Indígena Apucarantina, localizada na divisa dos municípios de Londrina e Tamarana, habitada por índios Kaingang.

¹ Ver artigo Os Kaingang e os Guarani no Paraná: inimigos míticos no passado, aliados políticos no presente. In: <http://ktoomasino.blogspot.com.br/2011/03/os-kaingang-e-os-guarani-no-parana.html>.

Os irmãos mitológicos Kamé e Kairu (Kainru, Kañeru, Kayru, Kadjeru) representam a dualidade que demarcam as relações familiares e sociais Kaingang. Produzindo uma percepção de um mundo simétrico, percebido, por exemplo, no casamento. O homem e mulher devem ser de metades diferentes, já que a relação entre membros da mesma metade tende a ser conflituosa, segundo seus costumes.

Os membros da metade Kamé são considerados possuidores de um espírito mais forte, enquanto os membros da metade Kainru têm uma afinidade a liderar nas questões políticas, e assim, na guerra.

Kamé e Kainru criaram diferentes animais, os quais destacaremos alguns que constituem traços dos costumes kaingang como a onça (*ming*), a anta (*oyoro*) e o tamanduá-mirim (*joty*²).

A anta possui uma carne muito apreciada pelos Kaingang, apesar de, atualmente, ser escassa na nossa região. Conta a lenda que Kainru havia feito às antas e lhes disse que elas deveriam comer “caça”; ou seja, animais em geral. Porém, elas não tinham uma boa audição e não entenderam o que seu criador havia dito, perguntando-lhe novamente o que deveriam comer, e este já irritado, enquanto criava outro animal disse-lhes: “[...] vão comer folha e ramos de árvore!” (BORBA, p.21-22).

Sobre o Tamanduá, que também ensinou a dança aos Kaingang:

Cayrucré estava fazendo outro animal; faltava ainda a este os dentes, lingua e algumas unhas, quando principiou a amanhecer, e, como de dia não tinha poder para fazel-o, poz-lhe às pressas uma varinha fina na bocca e disse-lhe : -Você, como não tem dente, viva comendo formiga-; eis o motivo porque o Tamandua, *loty* (*Joty*), é um animal inacabado e imperfeito (Idem, p. 22) .

Artefatos cerâmicos e outros

O enfoque do módulo é mostrar a presença indígena no Estado e também sua permanência com as cerâmicas e os objetos do século XIX (espada, alicate e bola de canhão).³

Pretende-se também mostrar a diversidade de formas e decoração dos utensílios utilizados, no caso das cerâmicas, pelos Guarani. Podemos observar alguns detalhes artísticos nas cerâmicas ungladas (pequenas demarcações feitas com a unha); na cerâmica corrugada, cerâmica escovada, lisa e pintada.

² Mais informações sobre Joty ouvir o “Programa de Índio: Jóty - O tamanduá”, em: <http://www.programadeindio.org/index.php?s=as&n=programa&pid=229>.

³ Para um entendimento das cerâmicas na sala, consultar o painel adaptado de Neumann (2008)

As peças, junto com mapas (tv), também demonstram como a região do Norte do Paraná foi um território de trânsito intenso, e ainda, de trocas culturais. Os europeus apreciavam o tecido feito pelos povos indígenas e trocavam por objetos que esses não tinham (como o alicate de ferro exposto). Do mesmo modo ocorria com conhecimento da região, europeus pagavam para que os indígenas os guiassem por esse território.

Viajantes no norte do Paraná

Apresenta a fauna da região e também mostra as obras de alguns viajantes que passaram pelo norte do Paraná e deixaram relatos, fotos e gravuras. Entre eles:

John Henri Elliot, filho de ingleses nascido nos Estados Unidos, em 1809, veio para o Brasil em 1825, a fim de alistar-se na Marinha Brasileira para participar da Guerra da Cisplatina. Já possuía experiência na Marinha, uma vez que iniciou sua carreira na Marinha do seu país de origem, lá aprendeu o ofício de cartógrafo, agrimensor, desenhista. Após o fim da guerra, passou a residir em Curitiba, local onde passou a participar da comitiva de João Francisco Lopes, em 1840. Tal comitiva visava explorar sertões paranaenses a mando de João da Silva Machado, o Barão de Antonina.

A partir de 1846 foi contratado pelo Barão para realizar serviços cartográficos na região, e então estabeleceu uma rota entre o litoral paranaense e a província de Mato Grosso. Seus serviços resultaram nos primeiros mapas do norte do Paraná, assim como o reconhecimento do curso do rio Tibagi. A intenção do Barão de Antonina era aumentar seu latifúndio. Pelo caminho Elliot encontrou reduções jesuíticas, como, por exemplo, a redução de Nossa Senhora de Loreto. Em suas explorações com Francisco Lopes, e em contato com as reduções, passaram a imaginar os sítios como bons locais para instalação de colônia militar.

Franz Keller e seu irmão Joseph Keller chegaram ao Brasil em 1853, ambos engenheiros formados na Escola Técnica de Carlsburg, na Alemanha, foram convidados por D. Pedro II para dirigir a construção das primeiras ferrovias. Fizeram parte do Ministério da Agricultura e a partir de então realizaram levantamentos dos rios na Província do Paraná. Juntos percorreram os rios Ivaí, Tibagi e Paranapanema, e, posteriormente, o Iguaçu, sempre apontando possibilidades ou inviabilidades de trajetos navegáveis que levassem à Província de Mato Grosso.

Em 1872 Thomas Plantagenet Bigg-Wither embarcou em uma expedição, chefiada pelo engenheiro sueco conhecido como Capitão Palm. A expedição, vinda a mando do imperador Dom Pedro II tinha o objetivo de fazer um estudo e uma proposta para a construção de uma estrada de ferro que ligasse Curitiba, capital da província do Paraná, até Miranda, na província do Mato Grosso. Sua divisão da expedição, da qual foi comandante, ficou encarregada de estudar o rio Ivaí, porém devido as adversidades da viagem e dos problemas encontrados, foi obrigado

a fazer uma rota alternativa, passando pelo rio Tibagi, o qual resultou em um vasto relato da região.

O sertanista Telêmaco Borba nasceu na colônia militar de Jatay e foi uma personagem que exerceu diversas atividades na província paranaense. Foi sócio do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), administrador do aldeamento de São Pedro de Alcântara e prefeito de Tibagi cinco vezes entre 1885 e 1900. Realizou viagens pela região do *Salto do Gayra*, passou pela colônia militar de Jatay, Campos Gerais, entre outros lugares, muitas vezes acompanhado de seu irmão, Nestor Borba e Thomas Bigg-Whiter.

Suas empreitadas tinham por objetivo o reconhecimento da região e a construção de uma ponte entre o Paraná e Mato Grosso do Sul. No aldeamento de São Jerônimo conviveu por mais de vinte anos com os Kaingangs, aprendendo sua cultura e sua língua. Após essa convivência escreveu vários tratados sobre os indígenas, entre eles, o mais conhecido, publicado em 1908: *Actualidade Indígena*⁴. Sua obra delimita as especificidades de diferentes etnias indígenas que encontrou em suas viagens, e assim, atraiu os olhares de vários pesquisadores para os nativos do Paraná.

No século XX, o antropólogo Levi-Strauss fez registros sobre o cotidiano Kaingang nas margens do Rio Tibagi.

Também se apresenta acervo do cineasta Vladimir Kozak sobre os Xetá, na Serra dos Dourados, na década de 1950. As imagens de pinturas e fotografias que retratam a vida desse povo, dos quais poucos membros da época restam hoje. Os originais pertencem ao Acervo do Museu Paranaense. Os Xetá constituem a última etnia, no Paraná, a entrar em contato com não-índios. A ocupação do seu território e a dizimação ocorreu devido a ampliação da cafeicultura, largamente difundida no norte do Paraná; a disseminação da pecuária e agricultura comercial, às ações das companhias de colonização e imigração que obtinham terras do governo a baixo custo, loteavam-nas e promoviam a sua ocupação.

Apresenta-se também com fotografias do pari, armadilha de pesca utilizada pelos Kaingang. As fotos são de Kimiye Tommasino, Amauri Ramos da Silva e Reinhard Maack. As fotos da Festa do Parisão de autoria de Amauri Ramos e aquelas cedidas pela Folha de Londrina demonstram como os Kaingang mantêm suas tradições até os dias atuais, já que essas foram tiradas na última semana de março de 2013.

O restante das fotos foi produzido pelos fotógrafos Rui Cabral, Carlos Bozzeli, e mostram o cotidiano na atualidade em que se adaptam ao contexto que se apresenta, porém, sem perder a sua identidade como indígena.

Vagner Henrique Ferraz e Amanda Cristina Martins do Nascimento,
Museu Histórico de Londrina (UEL).

⁴ Os desenhos das flechas feitos pela Kátia encontram-se nessa mesma obra.

Exposição montada no espaço do MHL



Painéis
P. 01

Texto de
apresentação da
Exposição/Hall

Dimensões:
1,35m x 0,90m



P. 02

Texto de
Apresentação

Dimensões:
1,35m x 0,90m



P. 03

Texto de
Apresentação da
Sala1

Dimensões:
1,35m x 0,90m

Os povos indígenas explicam e interpretam o universo, observando os céus e os ciclos naturais da Terra. Produzem uma teoria da "ordem do mundo, do movimento no mundo, no espaço e no tempo, no qual a humanidade é apenas um dos muitos personagens em cena" (Silva, 1995). Os sentidos e os significados construídos pertencem a um sistema cultural que envolve linguagem, utilização de recursos naturais, rituais e espiritualidade.

P. 04

Cosmologia
guarani

Dimensões:
1,35m x 0,90m

Os Guaraní conhecem as constelações localizadas na Via Láctea, nomeando estrelas individuais e nebulosas. A Via Láctea é chamada Caminho da Anta (Tapi'rape).

Em 1614, o missionário francês Claude d'Abbeville publicou o nome de cerca de 30 estrelas e constelações conhecidas pelos Tapinambá. O sistema descrito por d'Abbeville é muito semelhante ao utilizado atualmente pelos Guaraní do sul do Brasil. E algumas das constelações dos indígenas no Brasil são as mesmas conhecidas por outros índios da América do Sul e dos aborígenes australianos.

A visão indígena do Universo deve ser considerada no contexto dos seus valores culturais e conhecimentos ambientais. (Alfonso, 2012).



P. 05

Constelações
Guarani

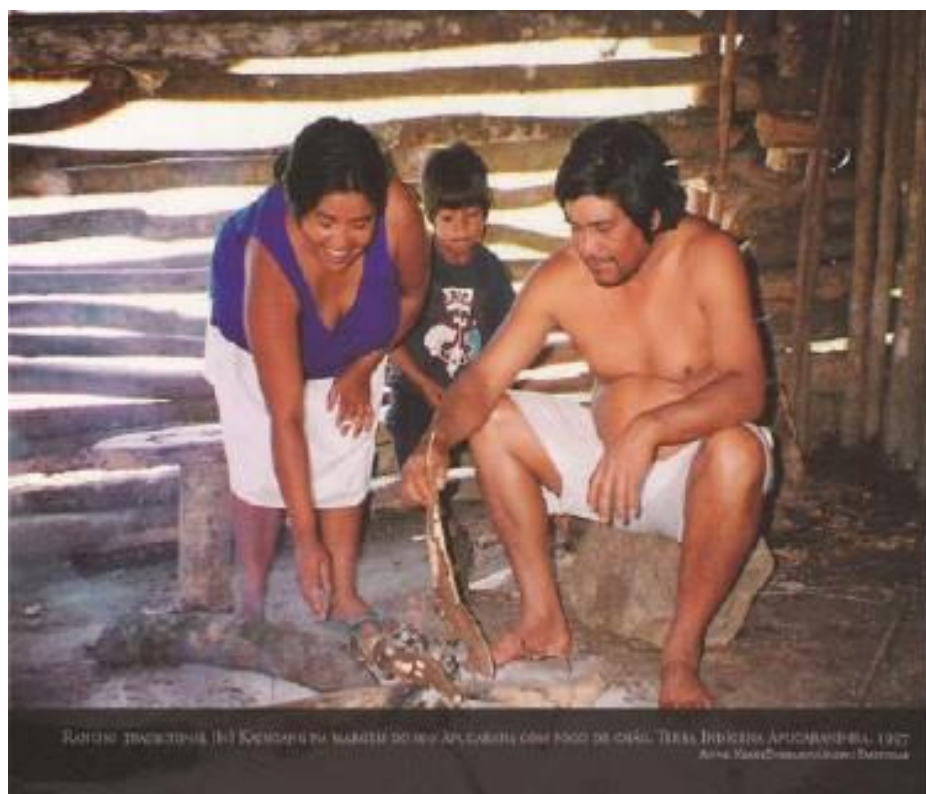
Dimensões:
1,35m x 0,90m



P. 06

Rancho
tradicional na
Margem
Apucarana
Grande com fogo
de chão. Terra
Indígena
Apucarantina,
1997.
Autor:
Kimiye Tommasin
o/ Acervo Particular

Dimensões: A4



P. 07

Mitologia Kaingang

Dimensões:
1,35m x 0,90m

Kamé e Kanyeru citam-se na série de narração, as regras de conduta para os humanos e as formas como as famílias Kaingang se organizam e se relacionam. "Kanyeru fez o dia, Kamé, a noite. Foi o primeiro a criar a oca e a piroca, depois Kanyeru fez um veado. Kamé disse à oca: "Coma o veado, mas não nos coma". Depois de ler uma arma, ordenando-lhe que comesse gente e bichos. A arma, porém, não compreendeu a ordem. Kamé repetiu-lhe ainda duas vezes em vão: depois lhe disse, zangado: "Vais comer folhas de aringa, não prestas para nada!". Kanyeru fez cobens e mundão que das mordidas homens e animais". (Nimuendajú, 1986)



Outra questão importante é a forma de apresentação das duas metades, conforme descrito por Nimuendajú:
O que pertence ao dia Kikenu é malhado, o que pertence ao dia Kamé é riscado. O Kaingang reconhece essas pintas tanto no osso dos animais como nas penas dos passarinhos, como também na casca, nas folhas, ou na madeira das plantas. Das duas qualidades da oca pintada, o acangoti é Kikenu, o jaguareti é Kamé. A pira é Kikenu, e por isso ela tal também adiante na piraçema. O domado é Kamé. O pithico é Kikenu, o cado é Kamé, etc. (Nimuendajú, 1987)

P. 08

Legenda do quadro "Minha Terra"

Dimensões:
0,20m x 0,10m

Confeccionado por alunos da Escola Estadual Indígena João Kavagtán Vergílio. Terra indígena Apucarantina, 2013.

O desenho infantil expressa uma visão de mundo e consciência de si, sendo o retrato das experiências vivenciadas pela criança que inicia seu processo de inserção na cultura local.

P. 09

Minha Terra



P. 10

Animais da
mitologia
Kaingang

Dimensões: A3

Concepção Kaingang

Os Kaingang são jaguares (...) Quando pintam sua pele amarela com manchas ou listas negras para a luta, entendem que também na aparência se assemelham bastante ao jaguar, e o alarido que fazem no ataque aos quase como o grunhido surdo da onça quando está sobre a presa. (Nimuendajú, 1987)

Concepção Guarani

O acyigá é uma alma animal. Os Apapocuva atribuem as disposições boas e brandas do homem ao seu ayvucú, as más e violentas, ao seu acyigá. (...) O caso é naturalmente mais grave quando alguém possui o acyigá de um animal predador. Os aguerridos Kaingang, inimigos dos Guarani, possuem invariavelmente um acyigá de jaguar ou de gato do mato. O acyigá de predador predomina totalmente sobre o ayvucú; por isso, os Kaingang não são "como" jaguares ou comparáveis a jaguares, ou simbolizados pelo jaguar: não, eles são intrinsecamente jaguares, apenas em forma humana. (Nimuendajú, 1987)

P. 11

Texto de
Apresentação da
Sala 2

Dimensões:
1,35m x 0,90m

No século XVI, quando chegaram os primeiros europeus, o Guairá era um dos numerosos povos que habitavam a região localizada entre os rios Paraná, Iguçu, Paranapanema e Tibagi. A Espanha tomou posse desse território e o chamou Guairá. O Guairá era ponto de contato entre América portuguesa e castelhana e era freqüentado desde os anos 1550, por padres, aventureiros e colonos. Fazia parte de um conjunto regional de intercâmbio comercial com Assunção, de onde chegavam o gado, miúdos e açúcar, e para onde se enviavam erva, cera, mel e vinho. Aventureiros buscavam a prata de Potosí e índios para escravizar (Vilardaga, 2010).

No Guairá, no século XVII, parte dos Guairani conviveu com missionários espanhóis em dezenas de reduções (missões) jesuíticas. Essas constituíam aldeamentos, povoados autônomos que reuniam numerosa população indígena a ser catequizada pelos jesuítas (Aguilar, 2002).

No fim da década de 1620, portugueses paulistas iniciaram a invasão e destruição das reduções, escravizando milhares de indígenas. Os sobreviventes dispersaram-se por seus antigos territórios. As terras do norte do Paraná continuaram ocupadas por povos indígenas. Em 1846, a mando do Barão de Antonina, uma expedição toma posse das terras do cacique Kaingang Inhoó, na altura da Serra da Apucarana, no rio Tibagi. Nesse local foi criada a fazenda São Jerônimo.

Com o avanço da colonização no norte do Paraná, a partir do século XIX, os indígenas foram alojados em espaços cada vez menores, até serem criados aldeamentos, como São Jerônimo e São Pedro de Alcântara. No século XX as terras indígenas sofreram outras subtrações.

No Guairá, assim como em tempos mais recentes, o indígena "foi peça chave! Apresado, trocado, atraído, ele foi o personagem que mobilizou entradas, ataques, cumplicidades, suspeitas e cobiça" (Vilardaga, 2010).

P. 12

Texto de
Apresentação da
Sala 2

Dimensões:
0,40m x 0,60m

Nossa Senhora do Loreto e Santo Inácio estão entre as primeiras reduções fundadas no Guairá. Antigos escritos e mapas indicam que, estrategicamente localizada entre elas, foi fundada a redução jesuítica de São José, às margens do Tibagi.

Também nessa região, em municípios como Cambé, Jataizinho, Londrina e São Jerônimo da Serra, foram encontrados exemplares de cerâmica revelando elementos da cultura Guairani com influência de elementos europeus na produção oleira.

Os Guairani confeccionavam cerâmicas de forma carenada, recipientes escovados, corrugados e unguilados, com pinturas decorativas nas cores vermelha e preta sobre argila branca (Parellada, 2009). Motivos florais e detalhes barrocos na cerâmica encontrada demonstram o intercâmbio cultural.

P. 13

Exemplo de
utensílios
domésticos

Dimensões:
0,40m x 0,60m

Utensílios domésticos em cerâmica

Yapepó: panela.

Ñaetá: caçarolas.

Tembirú: pratos.

Cambuchí: talha, uso principal para fermentar, guardar e servir líquidos. Estas vasilhas são encontradas em maior número por terem sido utilizadas também como urnas funerárias.

Cambuchí caguaba: vasilha para beber.
(Neumann, 2008; adaptado)

P. 14

Legenda da
gravura da cerâmica guarani/ jesuítica

Dimensões:
0,10m x 0,30m

GRAVURAS DA CERÂMICA GUARANI/JESUÍTICA
REPRODUÇÃO: KÁTIA MICHE

P. 15

Texto de
Apresentação da
Sala 3

Dimensões:
1,35m x 0,90m

A presença Kaingang, Guaraní e Xetá, no norte do Paraná, foi documentada em diferentes períodos por viajantes e estudiosos.

No século XIX, no contexto do esforço com vistas à integração territorial e populacional do Império predomina o registro de viajantes como o sertanista José Francisco Lopes, acompanhado pelo cartógrafo John Henri Elliot, que embrenham-se pelos sertões do norte do Paraná rumo ao Mato Grosso e registram, sobretudo, a presença Kaingang. Os irmãos Keller, em 1866, descrevem cenas Kaingang observadas durante a exploração dos rios Ivai, Tibagi, Pacanapanema e Iguaçu. Thomas E. Bigg-Wither, contratado para estudar a implantação de uma ferrovia entre Mato Grosso e Paraná, fez importantes registros.

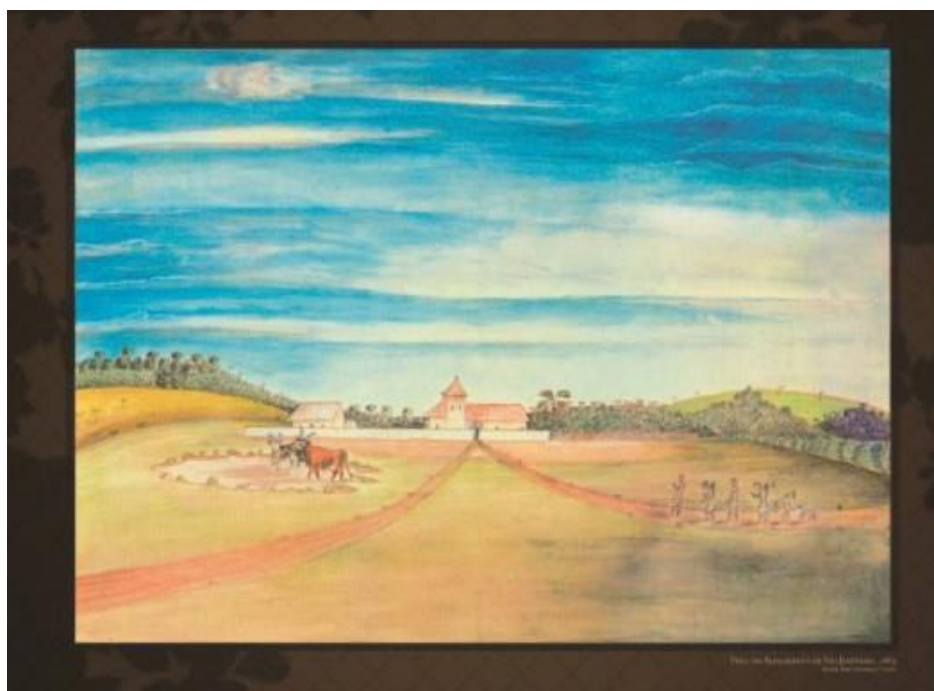
No século XX, se multiplicam os estudos acadêmicos das culturas e história indígena, especialmente da tradição Kaingang. Levi Strauss faz registros sobre o cotidiano Kaingang nas margens do rio Tibagi. As viagens realizadas por Maclimir Kosik tinham cunho documental como se observa nos registros dos Xetá, na Serra dos Dourados. O sertanista Telêmaco Borba publicou tratados sobre os Kaingang com os quais conviveu por 25 anos no aldeamento de São Jerônimo da Serra. Reinhard Maack chefiou expedições pelos rios Tibagi e Ivai, registrando também aspectos da flora e fauna. Mais recentemente, pesquisadores como Kimiye Tomimatsu e Lucio Tadeu Mota apresentam novos enfoques a partir da antropologia e da etno-história.

Ainda, os indígenas tem multiplicado seus próprios registros da luta por direitos de território e defesa da cultura. Esses registros são fundamentais para evitar-se o já denunciado por Grupioni na década de 1990, acerca das ideias: "inculcadas na maneira de pensar a história brasileira que orientam a percepção e permitem a reprodução, de certo universo imaginário em que os indígenas permanecem como povos ausentes, intuitivos, dorados de essências a-históricas e objeto de preconceito".

P. 16

Vista do
Aldeamento de
São Jerônimo,
1863
Autor: João
Henrique Elliot.

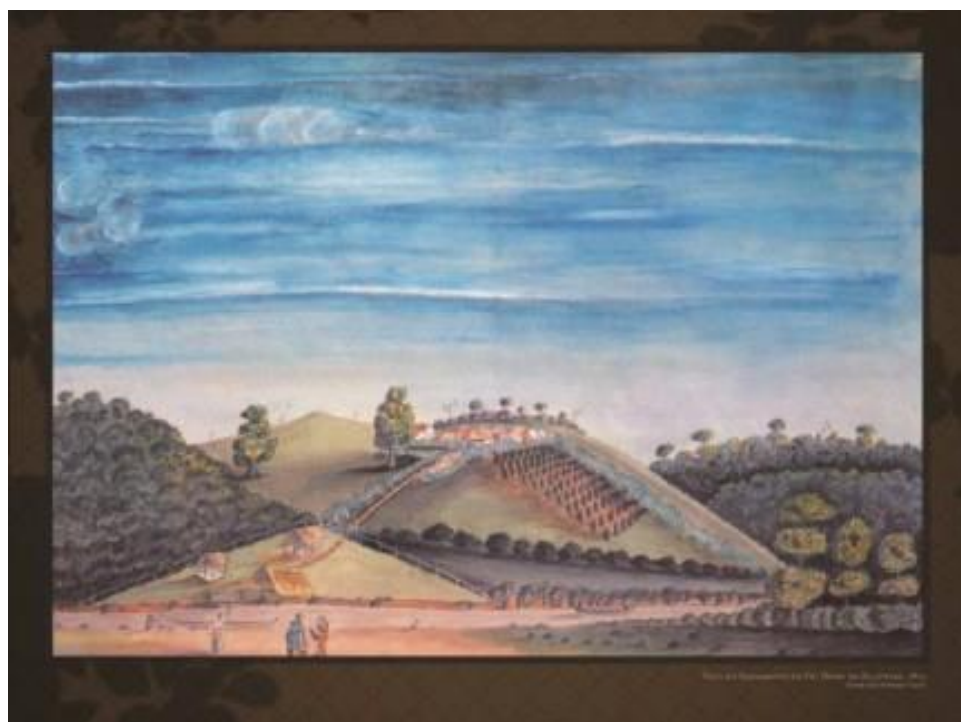
Dimensões:
1,35m x 0,90m



P. 17

Vista do
Aldeamento de
São Pedro de
Alcântara, 1859
Autor: João
Henrique Elliot.

Dimensões:
1,35m x 0,90m



P. 18

Mulher Coroado e
filho. Aldeamento
de São Pedro,
1872-1875.
Autor: Franz
Keller.

Dimensões:
1,35m x 0,90m



P. 19

Capitão Libânio.
Cayowa, 1865.
Autor: Franz
Keller.

Dimensões:
1,35mx0,90m



P. 20

Cacique Pay.
Santo Inácio,
1865.
Autor: Franz
Keller.

Dimensões:
0,40m x 0,60m



P. 21

Índio Coroado da
Aldeia de São
Pedro de
Alcântara, 1865.
Autor: Franz
Keller.

Dimensões:
0,40m x 0,60m



P. 22

Esperando para
atirar, 1872-
1875
Autor: Thomas P.
Bigg-Wither

Dimensões:
1,35m x 0,90m



P. 23

Legenda da gravura de Telêmaco Borba pó KátiaMiche.

Dimensões:
1,35m x 0,90m

KÁTIA MICHE, GRAVURAS DE TELÊMACO BORBA (1908), 2013

P. 24

Texto de Apresentação (Ilha Kosac)

Dimensões:
0,60m x 0,40m

Habitantes originais do noroeste paranaense, o território tradicional dos Xetá é conhecido como Serra dos Dourados, ao longo do rio Ivaí e seus afluentes. Os Xetá constituem a última etnia, no Paraná, a entrar em contato com os não-índios.

As primeiras notícias sobre os Xetá foram apresentadas por Elliot no século XIX e depois por Kozák na década de 1950. Estima-se que o grupo tenha chegado a 450 pessoas dos quais sobreviveram Kuein, Tuca, Tkuein, Rondon, Á, Tiguá (Eirakâ, Ana Maria) e Tiguá (Iratxamêway, Maria Rosa).

P. 25

Retorno da caça.
Reprodução
Fotográfica. Óleo
sobre Tela.
Década
1950/1960.
Autor: Vladimir
Kozàk/Acervo
Museu
Paranaense.

Dimensões: 1m x
0,75m



P. 26

Encontro com o
tamanduá
gigante.
Reprodução
Fotográfica. Óleo
sobre Tela.
Década
1950/1960
Autor: Vladimir
Kozàk/Acervo
Museu
Paranaense.

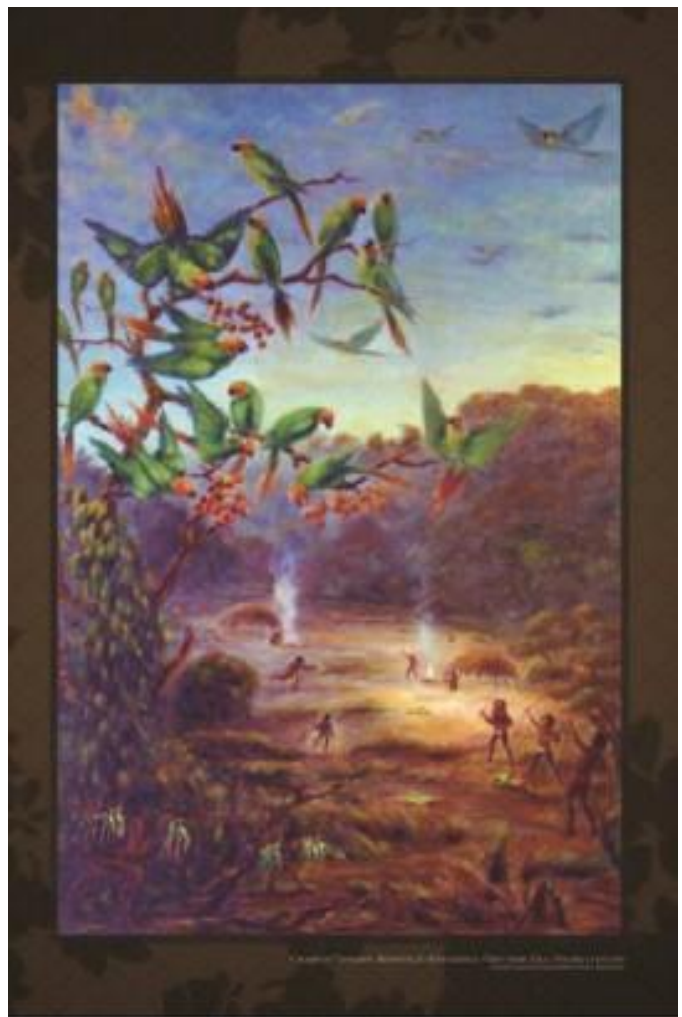
Dimensões:
1,35mX0,90m



P. 27

Caçada de Papagaios.
Reprodução
Fotográfica. Óleo
sobre Tela. Década
1950/1960
Autor: Vladimir
Kozàk/Acervo
Museu Paranaense.

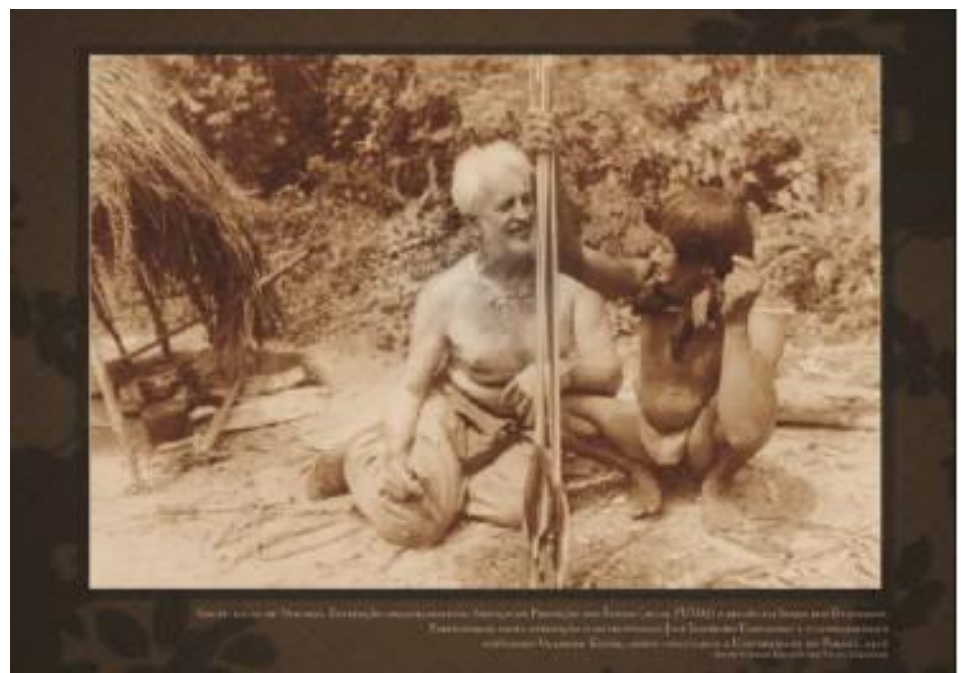
Dimensões:
1,35mX0,90m



P. 28

Grupo local de
Nhengo. Expedição
organizada pelo
Serviço de Proteção
aos Índios (atual
FUNAI) a região da
Serra dos Dourados.
Autor: Vladimir
Kozàk/Acervo
Museu
Paranaense.

Dimensões: 1m x
0,75m



P.29

Índio Xetá com uma pele de onça sobre o corpo. A onça era considerada o mais importante animal para a prática da cura. Posto Indígena Guarapuava. Década 1950

Autor: Vladimir Kozák / Acervo Museu Paranaense

Dimensões: 1m x 0,75m



ÍNDIO XETÁ COM PELE DE ONÇA A SER USADA COMO MEDICAMENTO PARA A CURA. POSTO INDÍGENA GUARAPUAVA, DÉCADA 1950
Foto: Vladimir Kozák / Acervo Museu Paranaense

P. 30

Mulher Xetá carregando o filho em uma tipóia e os pertences em um cesto preso à cabeça. Década 1950.

Autor: Vladimir Kozák / Acervo Museu Paranaense.

Dimensões: 1m x 0,75m



Mulher Xetá carregando o filho em uma tipóia e os pertences em um cesto preso à cabeça. POSTO INDÍGENA GUARAPUAVA, DÉCADA 1950
Foto: Vladimir Kozák / Acervo Museu Paranaense

P.31

Dois Xetá
retornando da caça.
Um deles carrega
um porco domado
enquanto o outro
segura um arco e
flechas com ponta
de madeira
serrilhada. Década
1950.

Autor: Vladimir
Kozák / Acervo
Museu Paranaense

Dimensões: 1m x
0,75m



Dois Xetá ao retornar da caça. Um deles carrega um porco domado enquanto o outro segura um arco e flechas com ponta de madeira serrilhada. Década 1950. Acervo Museu Paranaense. Foto: Vladimir Kozák.

P. 32

Armadilha de pesca
dos índios
Coroados, 1930.
Acervo Maack
Reinhard.

Dimensões: 1,35m x
0,90m

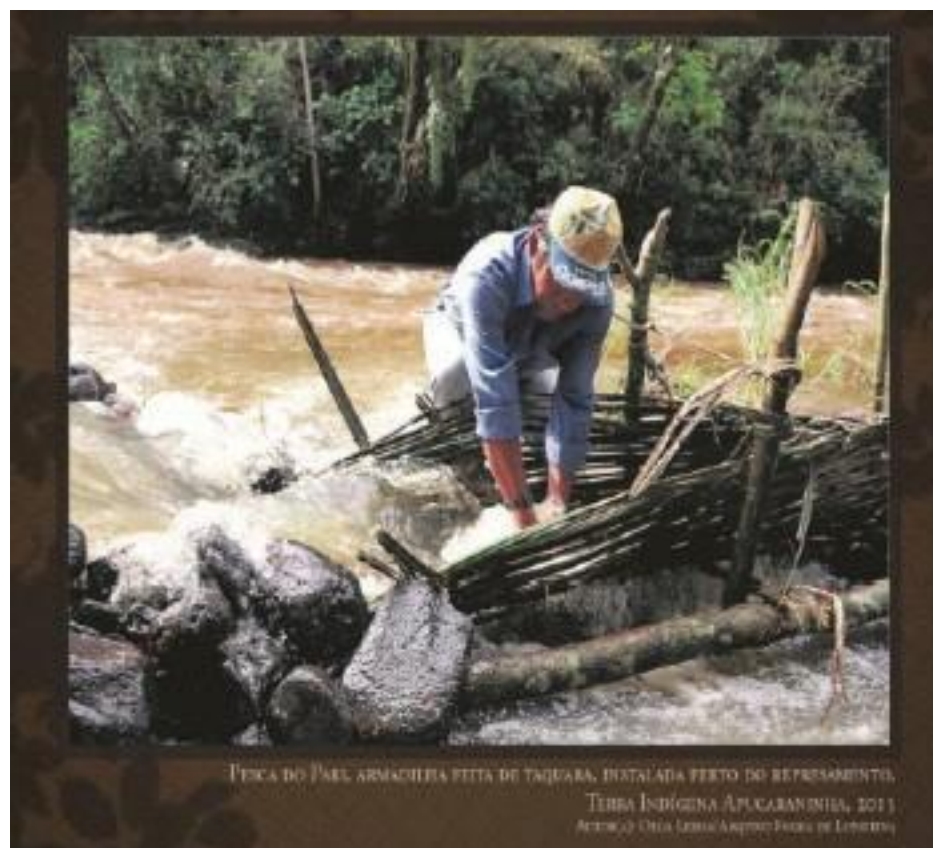


P. 33

Pesca do Pari,
armadilha feita de
taquara, instalada
perto do
represamento. Terra
Indígena
Apucarantina, 2013.

Autor(a): Olga
Leiria/Arquivo Folha
de Londrina.

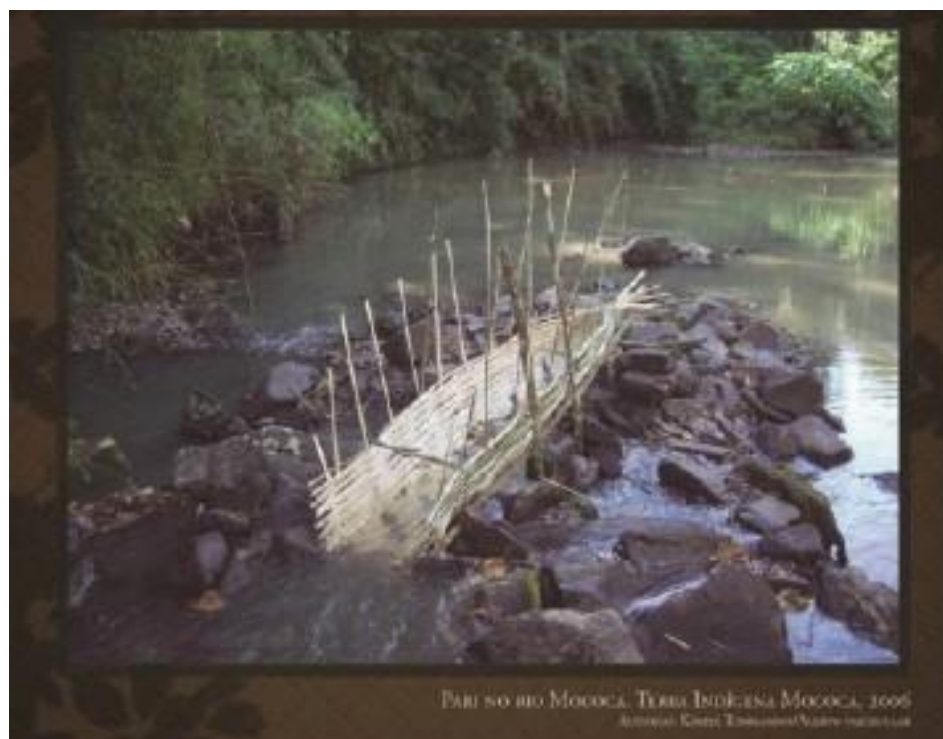
Dimensões: 0,40m x
0,60m



P. 34

Armadilha do Pari
no rio Mococa, 2006
Autor(a): Kimiye
Tommasino/Acervo
particular

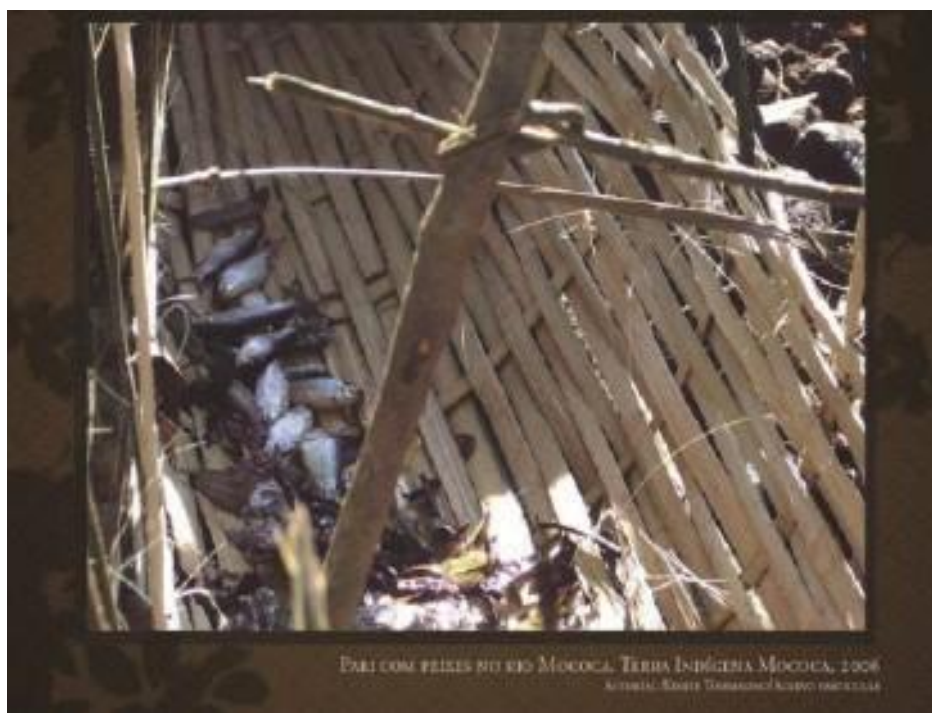
Dimensões: 0,40m x
0,60m



P.35

Pari com peixes no rio Mococa. Terra Indígena Mococa, 2006
Autor(a): Kimiye Tommasino/ Acervo particular.

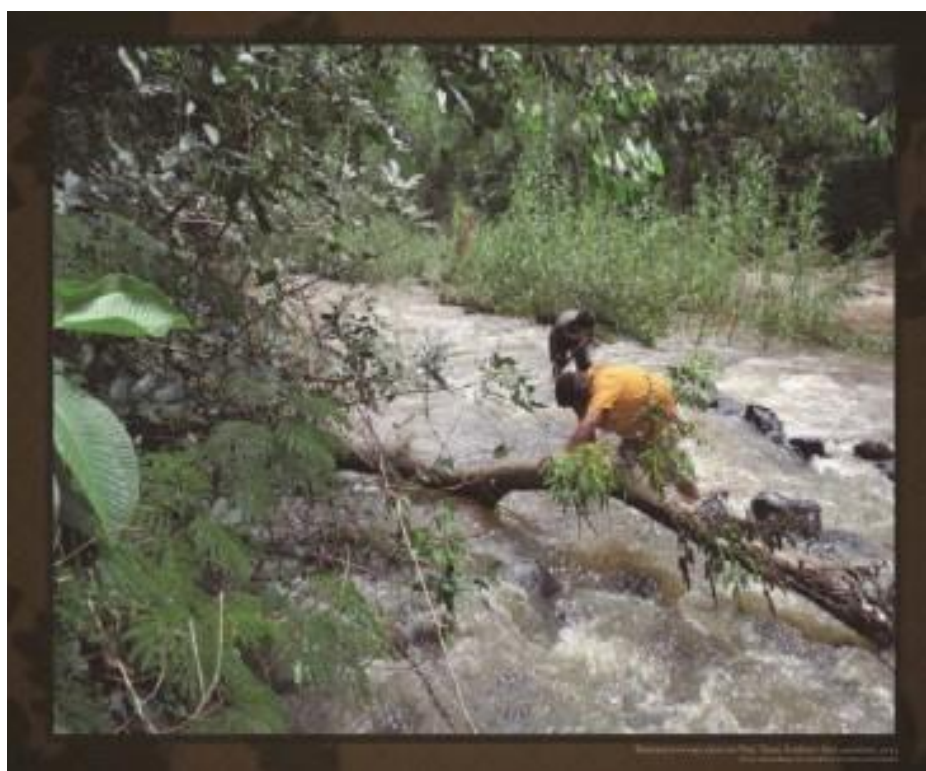
Dimensões: 0,40m x 0,60m



P. 36

Preparativos para festa do Pari. Terra Indígena Apucarantina, 2013
Autor: Amauri Ramos da Silva/Museu Histórico de Londrina

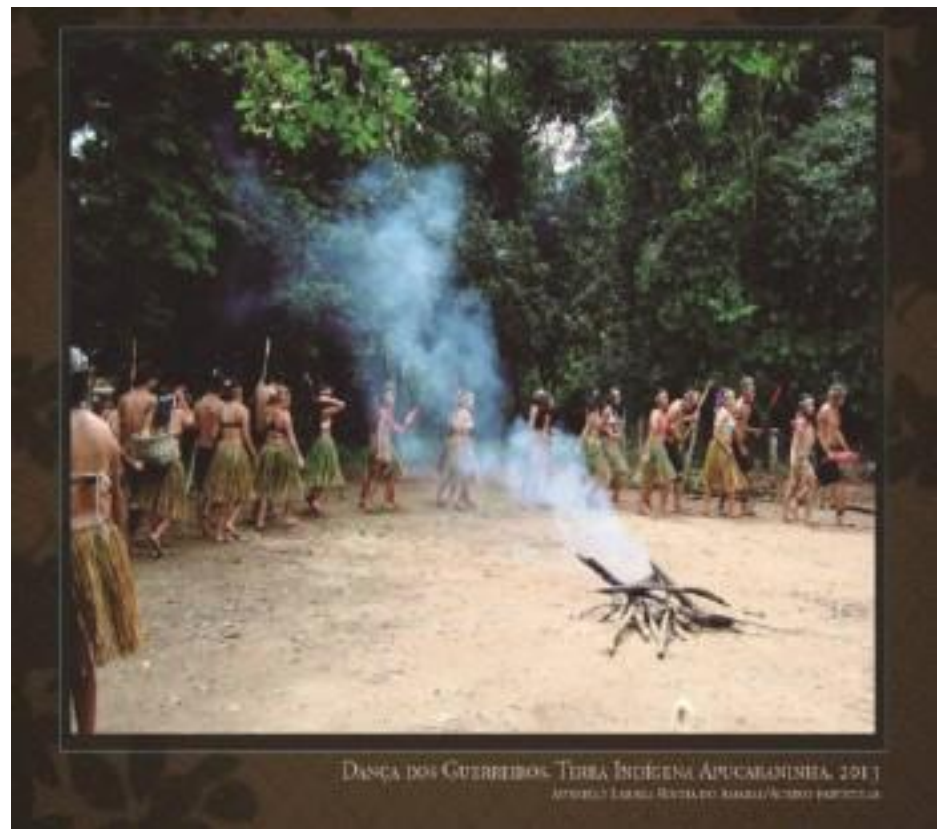
Dimensões: 1,35m x 0,90m



P. 37

Dança dos guerreiros. Terra indígena de Apucarantina, 2013. Autor: Larissa Rocha do Amaral/ Acervo pessoal.

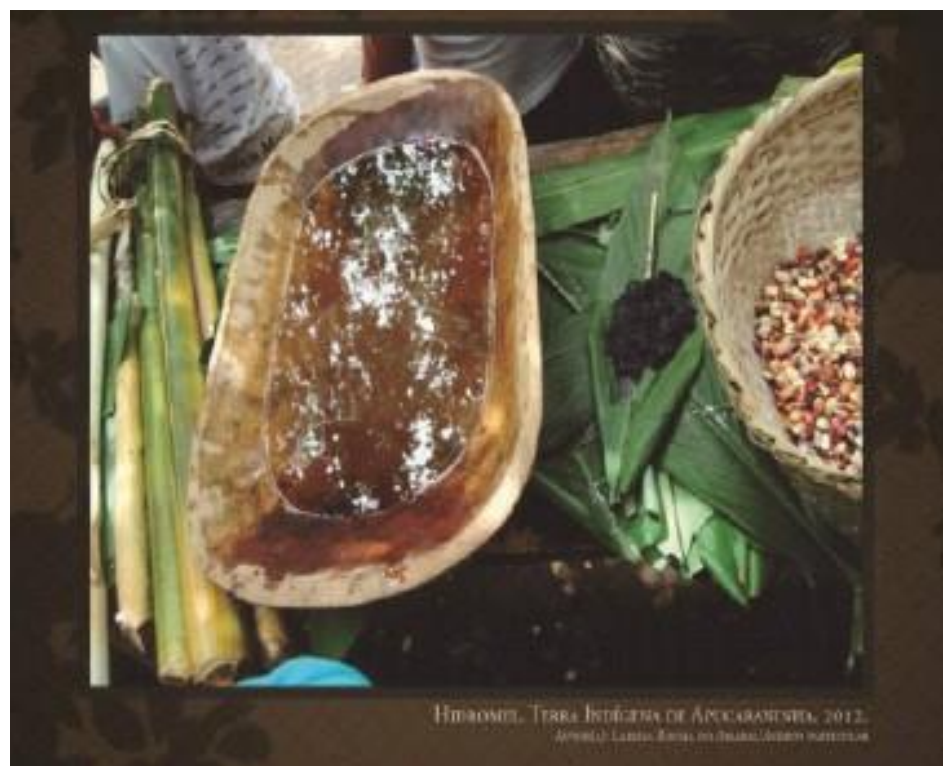
Dimensões: 0,40m x 0,60m



P. 38

Hidromel. Terra indígena de Apucarantina, 2012. Autor: Larissa Rocha do Amaral/ Acervo pessoal.

Dimensões: 0,40m x 0,60m



P. 39

Texto legenda: Pari,
segundo Bigg-
Whiter (1872/1875)

Dimensões: 0,40m x
0,60m

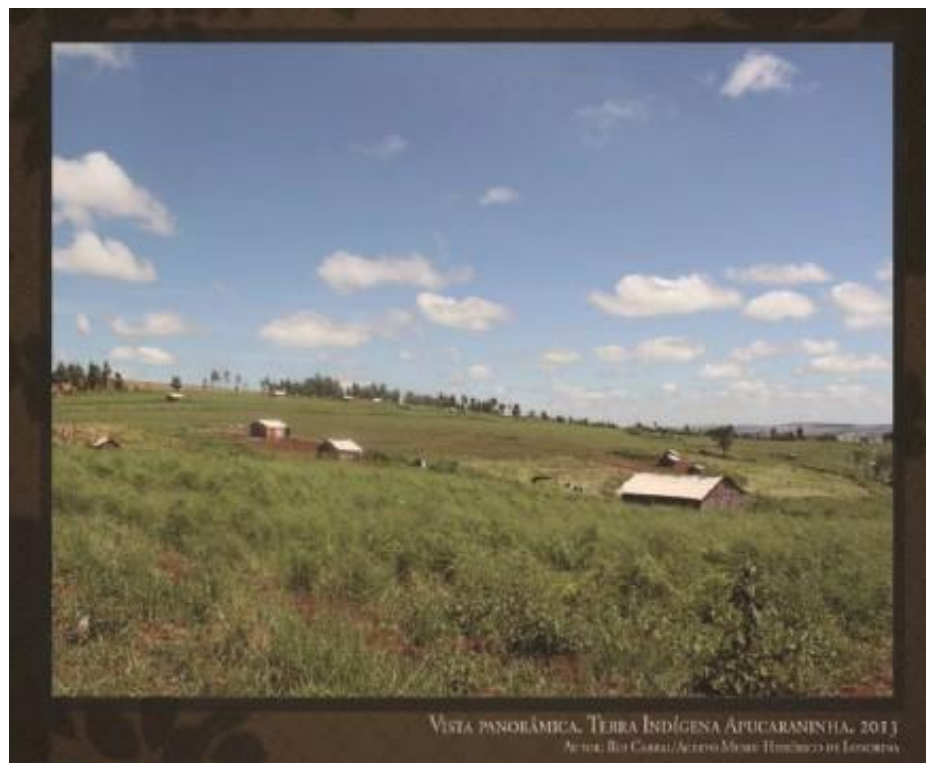
[...] descemos, até o rio para ver uma armadilha de pegar peixes pertencente aos índios e de que já tínhamos ouvido falar. Escolhida a posição para ela, a parte do rio de maior correnteza, acontece que, com a estiagem, o rio ficou cachoeirado, com uma queda total de cerca de 2 pés e 2 polegadas. Na parte superior dessa corredeira, eles construíram uma barragem de rochas e pedras soltas, deixando duas ou três aberturas, em determinados lugares para a saída da água e passagem dos peixes. Nos canais assim preparados, colocaram o ponto convergente das varas de uma peneira, em forma de leque, feita de taquaras. (...) Os peixes, procurando passagem por baixo da correnteza, depois de terem sido impedidos pela represa, eram obrigados a passar por esses canais.

P. 40

Vista panorâmica.
Terra Indígena
Apucarantina, 2013.

Autor: Rui
Cabral/Acervo
Museu Histórico de
Londrina.

Dimensões: 0,40m x
0,60m



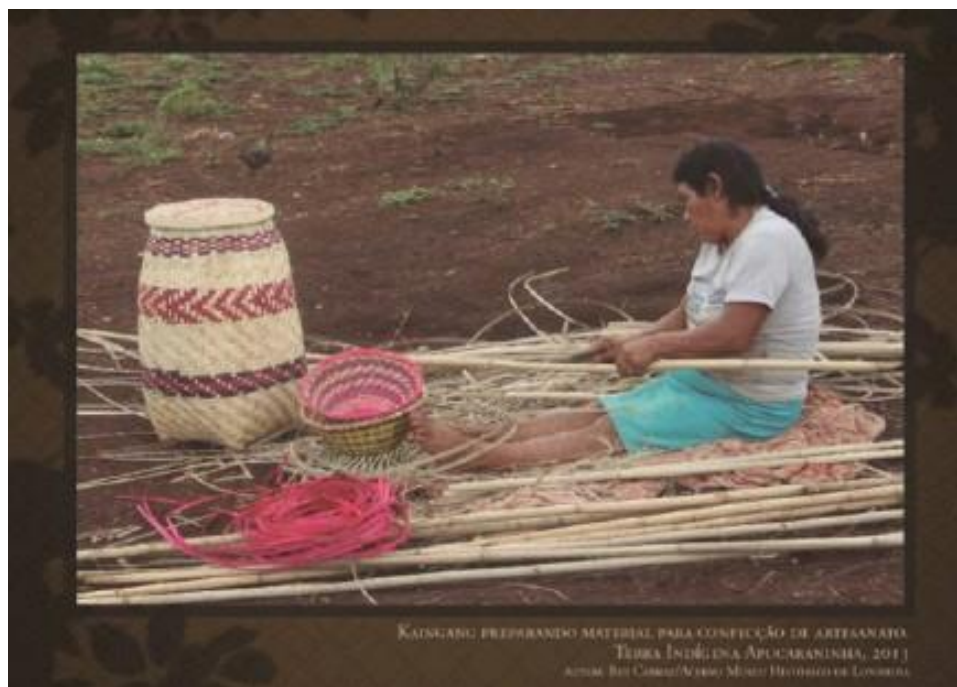
P. 41

Kaingang

preparando material
para confecção de
artesanato. Terra
Indígena
Apucarantina, 2013.

Autor: Rui
Cabral/Acervo
Museu Histórico de
Londrina.

Dimensões: 0,40m x
0,60m

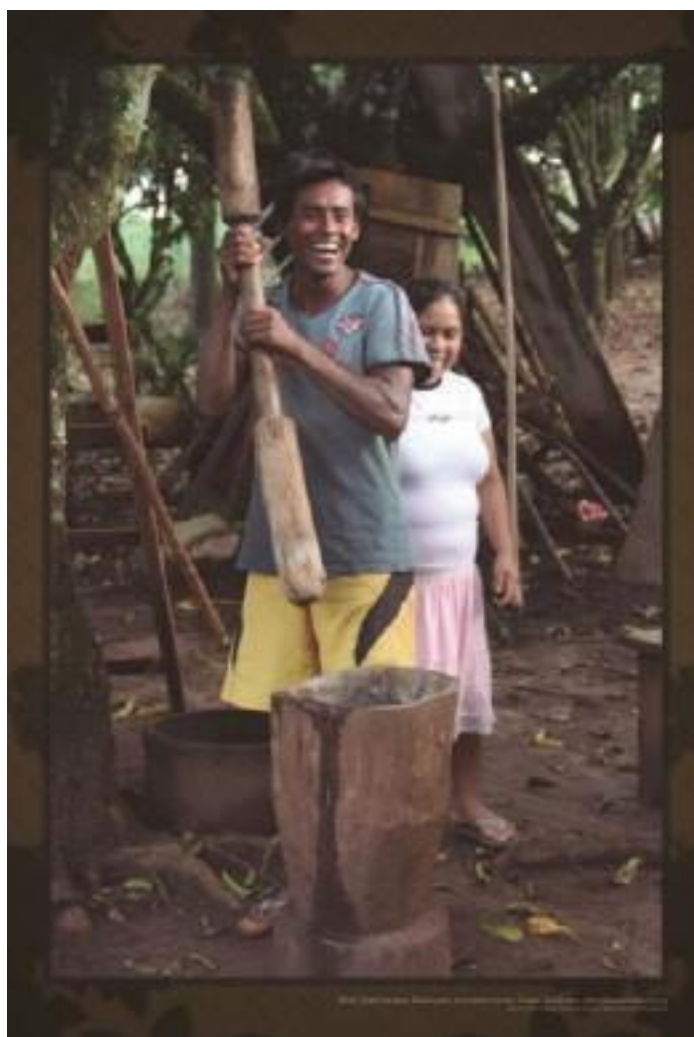


P. 42

Máá (Jaboticaba)
Kaingang socando
pilão. Terra Indígena
Apucarantina, 2013.

Autor: Rui
Cabral/Acervo
Museu Histórico de
Londrina.

Dimensões: 0,40m x
0,60m

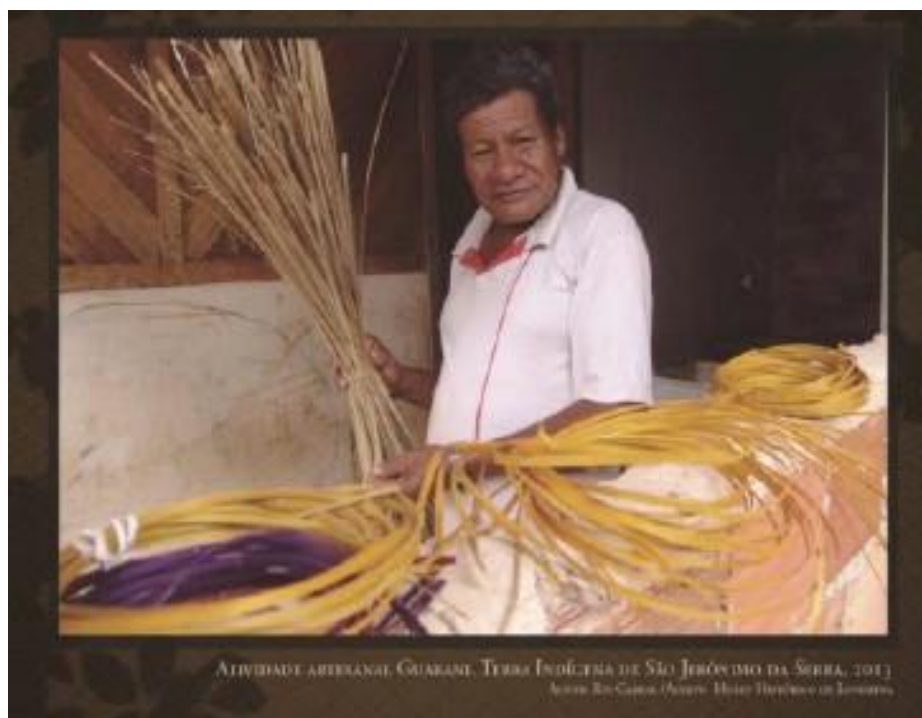


P.43

Atividade artesanal
Guarani. Terra
Indígena de São
Jerônimo da Serra,
2013.

Autor: Rui Cabral
/Acervo Museu
Histórico de
Londrina.

Dimensões: 0,40m x
0,60m

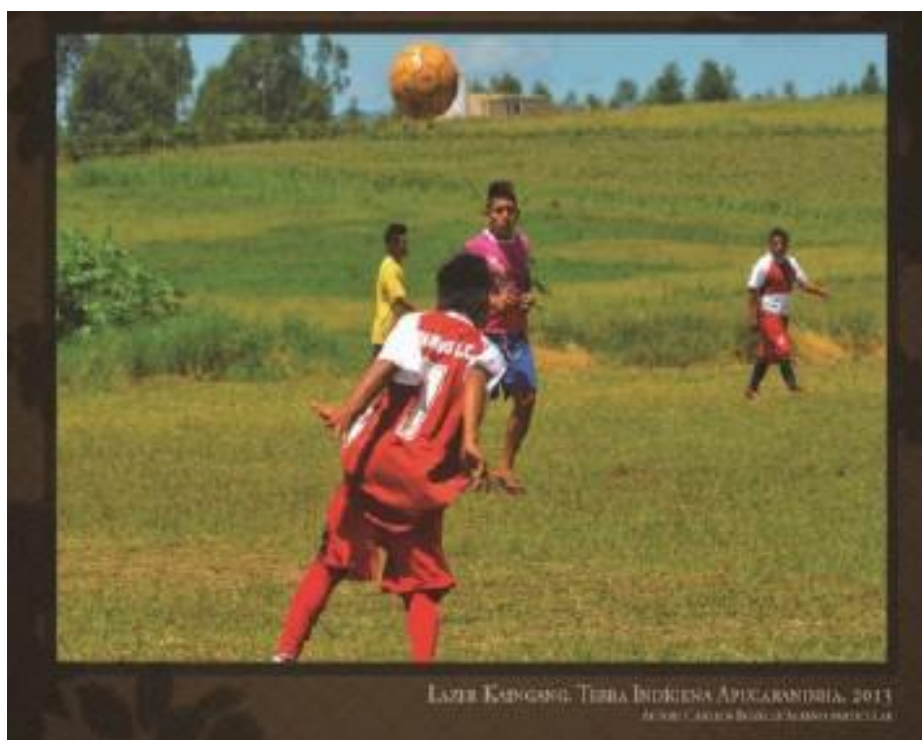


P. 44

Lazer Kaingang.
Terra Indígena
Apucarantina, 2013.

Autor: Carlos
Bozelli/Acervo
particular.

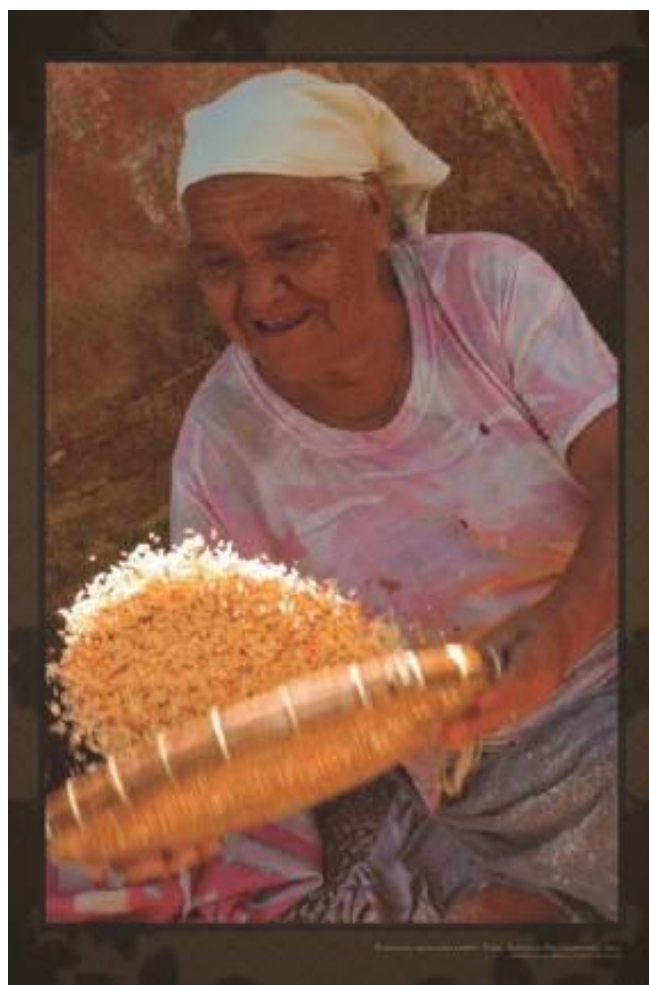
Dimensões: 0,40m x
0,60m



P. 45

Kaingang abanando milho. Terra Indígena Apucarantina, 2013.
Autor: Carlos Bozelli/Acervo particular.

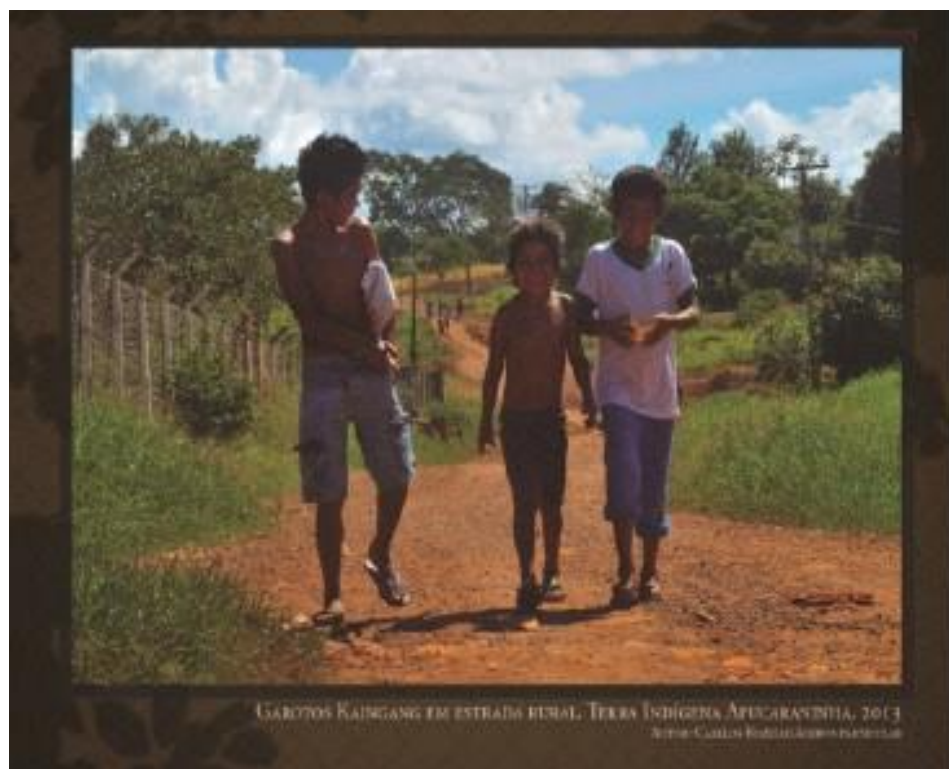
Dimensões: 1,35m x 0,90m



P. 46

Garotos Kaingang em estrada rural. Terra Indígena Apucarantina, 2013.
Autor: Carlos Bozelli/Acervo particular.

Dimensões: 0,40m x 0,60m

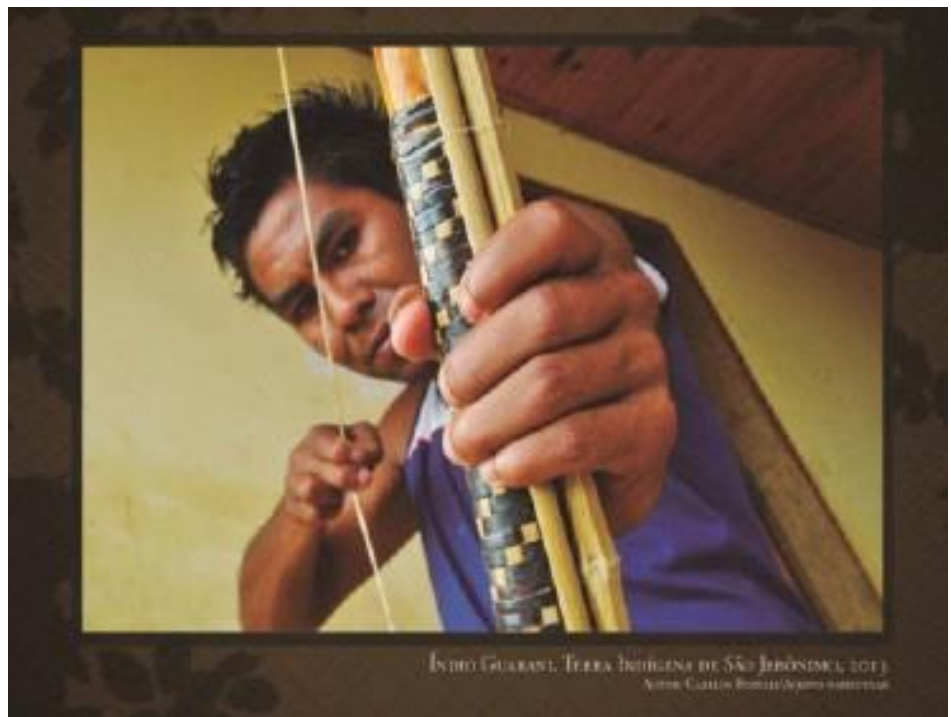


P.47

Índio Guarani.
Terra Indígena de
São Jerônimo,
2013.

Autor: Carlos
Bozelli/Acervo
particular.

Dimensões:
0,40m x 0,60m



P. 48

Festa do Emi (bolo
de milho azedo).
Homem e mulher
com a pintura da
metade Kairu. Terra

Indígena
Apucaraniha, 1995.

Autor(a): Kimiye
Tommasino/Acervo
particular.

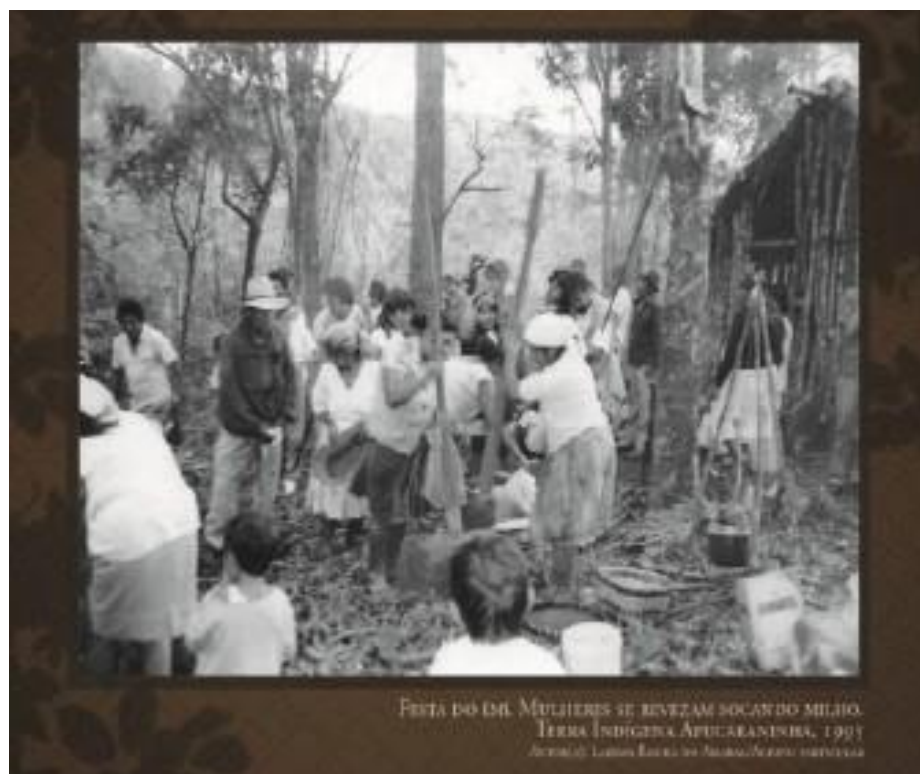
Dimensões:
1,35m x 0,90m



P. 49

Festa do Emi.
Mulheres
se revezam socando
milho. Terra Indígena.
Apucarantina, 1995
Autor(a): Kimiye
Tommasino/Acervo
particular.

Dimensões: 0,60m x
0,40m



P. 50

Manifestação após o
acordo firmado entre
Ministério Público
Federal,
Comunidade TI
Apucarantina, FUNAI e
COPEL na AFML/
Londrina. Os
Kaingang
conseguiram o valor de 14
milhões como indenização
por danos ambientais,
2006

Autor: desconhecido/
Acervo Procuradoria
Geral da República de
Londrina

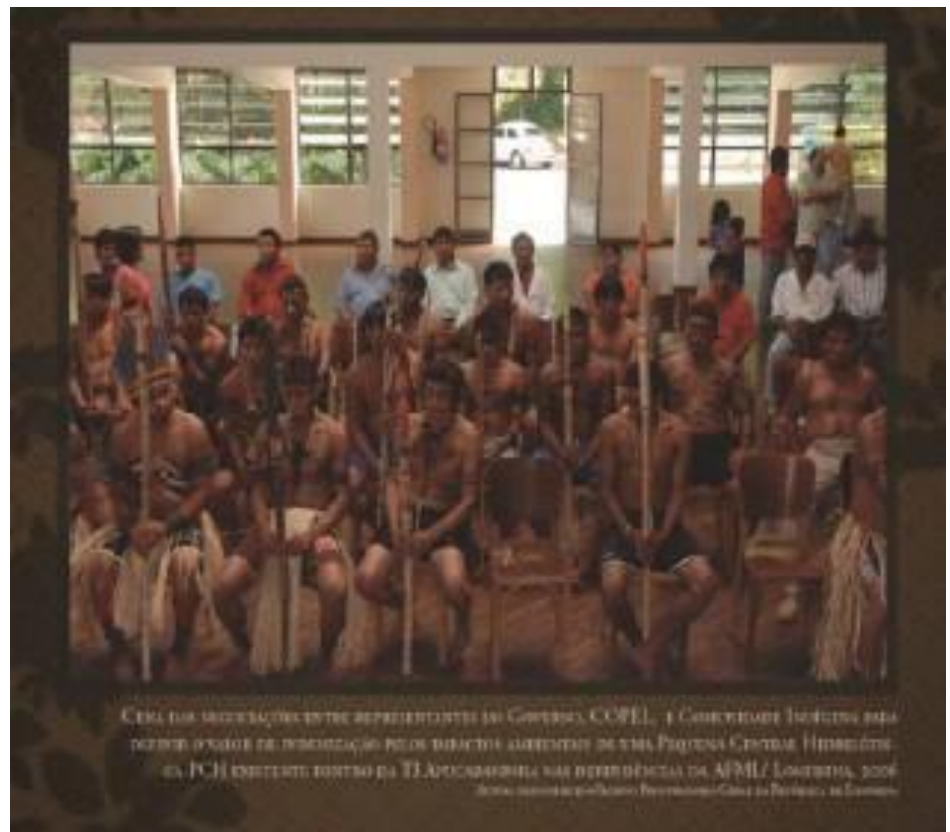
Dimensões: 0,60m x
0,40m



P. 51

Cena das negociações entre representantes do Governo, COPEL, e Comunidade Indígena para definir o valor de indenização pelos impactos ambientais de uma Pequena Central Hidrelétrica-PCH existente dentro da TI Apucarantina nas dependências da AFML/ Londrina, 2006 Autor: desconhecido/ Acervo Procuradoria Geral da República de Londrina.

Dimensões: 0,60m x 0,40m



CENA DAS NEGOCIAÇÕES ENTRE REPRESENTANTES DO GOVERNO, COPEL, E COMUNIDADE INDÍGENA PARA DEFINIR O VALOR DE INDENIZAÇÃO PELOS IMPACTOS AMBIENTAIS DE UMA PEQUENA CENTRAL HIDRELÉTRICA-PCH EXISTENTE DENTRO DA TI APUCARANTINA NAS DEPENDÊNCIAS DA AFML/ LONDRINA, 2006
Autor: desconhecido/ Acervo Procuradoria Geral da República de Londrina

P. 52

Kaiuã Maria de Jesus. Terra Indígena Apucarantina, 2012. Autor: Anderson Melo/ Acervo Particular. Dimensões: 0,60m x 0,40



Kaiuã Maria de Jesus. Terra Indígena Apucarantina, 2012.
Autor: Anderson Melo/ Acervo Particular

PP.01

Vista panorâmica da Terra Indígena São Jerônimo, 2013.
Autor: Amauri Ramos da Silva/
Acervo Museu Histórico de Londrina.

Dimensões: 7m x 1m



PP.02

Vista panorâmica da Terra Indígena Apucarantina, 2013.
Autor: Amauri Ramos da Silva/
Acervo Museu Histórico de Londrina.

Dimensões: 7m x 1m

